



Autoestima e Desenvolvimento da Identidade Juvenil

Self-Esteem and Youth Identity Development

Thiago Henrique Almeida Costa

thiagoacosta@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0005-2724-6259>

Universidade Federal do Tocantins

Brasil

Artículo recibido: 23/02/2025
Aceptado para publicación: 24/03/2025
Conflictos de Intereses: Ninguno que declarar

RESUMO

O presente artigo de revisão tem como objetivo analisar e sistematizar a produção científica recente sobre a relação entre a autoestima e o desenvolvimento da identidade juvenil, com o propósito de identificar seus principais enfoques teóricos, fatores contextuais e contribuições para o bem-estar psicossocial. Para isso, foi realizada uma revisão sistemática da literatura seguindo as diretrizes da metodologia PRISMA, que incluiu a busca, seleção e análise de artigos científicos publicados entre 2010 e 2024 em bases de dados acadêmicas internacionais e regionais. A análise das informações foi realizada por meio de uma abordagem qualitativa e de análise temática, organizando os achados em categorias analíticas. Os resultados evidenciam que a autoestima e a identidade juvenil mantêm uma relação bidirecional e dinâmica, influenciando-se mutuamente nos processos de exploração, compromisso e ajuste psicossocial. Da mesma forma, destaca-se a influência de fatores contextuais como a família, os pares, o ambiente educacional e os contextos digitais na construção do self juvenil. Conclui-se que o fortalecimento da autoestima e o acompanhamento do desenvolvimento identitário constituem eixos fundamentais para promover o bem-estar, a saúde mental e a construção de projetos de vida significativos na juventude.

Palavras-chave: autoestima; identidade juvenil; desenvolvimento psicossocial



ABSTRACT

This review article aims to analyze and systematize recent scientific literature on the relationship between self-esteem and the development of youth identity, in order to identify its main theoretical approaches, contextual factors, and contributions to psychosocial well-being. To this end, a systematic review of the literature was conducted following the PRISMA guidelines, which included the search, selection, and analysis of scientific articles published between 2010 and 2024 in international and regional academic databases. Data analysis was carried out using a qualitative approach and thematic analysis, organizing the findings into analytical categories. The results show that self-esteem and youth identity maintain a bidirectional and dynamic relationship, mutually influencing processes of exploration, commitment, and psychosocial adjustment. Likewise, the influence of contextual factors such as family, peers, the educational environment, and digital contexts on the construction of the youth self is highlighted. It is concluded that strengthening self-esteem and supporting identity development constitute fundamental pillars for promoting well-being, mental health, and the construction of meaningful life projects in youth.

Keywords: self-esteem; youth identity; psychosocial development

INTRODUÇÃO

Autoestima e desenvolvimento da identidade juvenil

A adolescência e a juventude constituem etapas críticas do desenvolvimento humano, caracterizadas por profundas mudanças biológicas, psicológicas e sociais que incidem diretamente na construção da identidade e na consolidação da autoestima. Nesse período, os indivíduos começam a formular respostas mais complexas à pergunta “quem sou eu?”, integrando experiências pessoais, expectativas sociais e valores culturais em uma narrativa identitária progressivamente mais estável. A autoestima, entendida como a avaliação subjetiva que uma pessoa realiza sobre seu próprio valor, desempenha um papel central nesse processo, pois influencia a maneira como os jovens interpretam suas capacidades, relações e projeções futuras (Erikson, 1968; Rosenberg, 1965).

A partir de uma perspectiva do desenvolvimento psicossocial, Erikson (1968) sustenta que a principal tarefa evolutiva da adolescência é a resolução do conflito entre identidade e confusão de papéis. Esse processo implica a exploração ativa de diferentes possibilidades vocacionais, ideológicas, relacionais e pessoais, o que pode gerar tensões internas que afetam a percepção de si mesmo. A autoestima atua como um recurso psicológico fundamental para enfrentar essas tensões, facilitando a tomada de decisões, a auto aceitação e a coerência interna. Pesquisas posteriores demonstraram que níveis adequados de autoestima estão associados a uma identidade mais integrada e a maior bem-estar psicológico entre os jovens (Marcia, 1980; Schwartz et al., 2011).

A autoestima não é uma característica estática, mas sim um construto dinâmico que se desenvolve ao longo do tempo a partir da interação entre fatores individuais e contextuais. Durante a juventude, essa interação se intensifica devido à ampliação dos ambientes de socialização, como o ensino médio, o ensino superior, o trabalho e os espaços digitais. Segundo Harter (2012), a autoestima juvenil é especialmente influenciada pelo feedback recebido de figuras significativas, como pares, professores e familiares, bem como pela comparação social, que adquire maior relevância nessa etapa do ciclo vital.

No campo da psicologia do desenvolvimento, reconhece-se que a identidade juvenil se constrói a partir de múltiplas dimensões, entre as quais se incluem a identidade pessoal, social, de gênero, cultural e vocacional. Cada uma dessas dimensões interage com a autoestima de maneira bidirecional, influenciando-se mutuamente. Por exemplo, a consolidação de uma identidade vocacional clara tem sido associada a níveis mais

elevados de autoestima e autoeficácia, enquanto a incerteza prolongada nesse âmbito pode gerar sentimentos de incompetência e desvalorização pessoal (Super, 1990; Skorikov & Vondracek, 2011).

A família constitui um dos primeiros e mais influentes contextos na formação da autoestima e da identidade juvenil. Práticas parentais caracterizadas pelo apoio emocional, comunicação aberta e reconhecimento da autonomia estão associadas a uma autoestima mais sólida e a processos identitários mais adaptativos. Em contraste, estilos parentais autoritários ou negligentes podem afetar negativamente a percepção de valor pessoal e dificultar uma exploração identitária saudável (Steinberg, 2001; Martínez & García, 2008). Esses efeitos permanecem inclusive no início da juventude, quando os indivíduos começam a se tornar progressivamente independentes do núcleo familiar.

O grupo de pares adquire uma relevância particular durante a adolescência e a juventude, tornando-se um espaço privilegiado para a validação social e a experimentação identitária. A aceitação por parte dos pares contribui significativamente para o fortalecimento da autoestima, enquanto a rejeição ou a exclusão social estão associadas a sentimentos de inferioridade e confusão identitária. Pesquisas empíricas demonstraram que a qualidade das relações entre pares prediz níveis de autoestima e clareza identitária entre jovens, mesmo controlando variáveis familiares e socioeconômicas (Bukowski et al., 2010; La Guardia & Ryan, 2007).

Nos últimos anos, o desenvolvimento da identidade e da autoestima juvenil tem sido profundamente influenciado pelos ambientes digitais e pelas redes sociais. Essas plataformas oferecem novas oportunidades para a expressão do eu e para a exploração identitária, mas também introduzem dinâmicas de comparação social constante que podem afetar a autoestima. Estudos recentes indicam que o uso intensivo de redes sociais está associado tanto ao fortalecimento quanto ao enfraquecimento da autoestima, dependendo do tipo de interação e do grau de internalização dos padrões sociais promovidos nesses espaços (Valkenburg et al., 2017; Nesi & Prinstein, 2015).

A construção da identidade em contextos digitais apresenta desafios particulares para a autoestima juvenil, pois a exposição contínua a imagens idealizadas e narrativas de sucesso pode gerar discrepâncias entre o eu real e o eu ideal. Segundo Higgins (1987), essas discrepâncias podem provocar mal-estar emocional e afetar a autoavaliação, especialmente em jovens com autoestima vulnerável. No entanto, quando os ambientes

digitais são utilizados como espaços de apoio social e de auto expressão autêntica, podem contribuir positivamente para o desenvolvimento identitário e para o sentimento de pertencimento (Best et al., 2014).

Diversas pesquisas evidenciam que uma autoestima positiva durante a juventude está associada a múltiplos indicadores de ajuste psicossocial, como maior bem-estar emocional, menor incidência de comportamentos de risco e maior compromisso acadêmico e social. Da mesma forma, a clareza identitária tem sido relacionada a maior resiliência frente ao estresse e a uma melhor capacidade de planejamento a longo prazo. Esses achados reforçam a importância de abordar a autoestima e a identidade juvenil como dimensões interdependentes e centrais para o desenvolvimento integral dos jovens (Orth & Robins, 2014; Schwartz et al., 2013).

A autoestima e o desenvolvimento da identidade juvenil constituem processos complexos e profundamente inter-relacionados, influenciados por fatores individuais, relacionais e socioculturais. Compreender essa relação é fundamental para o desenho de intervenções educacionais, psicológicas e sociais voltadas à promoção do bem-estar juvenil. A evidência científica sugere que fortalecer a autoestima não apenas contribui para uma identidade mais coerente e adaptativa, mas também potencializa a capacidade dos jovens de enfrentar os desafios da vida adulta com maior segurança e sentido de propósito (Erikson, 1968; Harter, 2012; Schwartz et al., 2011).

Contexto e Relevância do Estudo

A juventude constitui uma etapa-chave do ciclo vital na qual ocorrem processos decisivos para a consolidação da identidade pessoal e social, bem como para a construção da autoestima. Durante esse período, os indivíduos enfrentam múltiplas transições relacionadas à autonomia, à definição de projetos de vida e à integração em diversos contextos sociais, educacionais e laborais. Esses processos se desenvolvem em um cenário contemporâneo caracterizado por transformações culturais, tecnológicas e econômicas que influenciam diretamente a percepção que os jovens constroem sobre si mesmos (Erikson, 1968; Arnett, 2015).

Nas últimas décadas, diferentes estudos têm evidenciado um aumento de problemáticas associadas à autoestima juvenil, tais como insegurança pessoal, ansiedade, dificuldades na tomada de decisões e fragilidade identitária. Essas situações são agravadas por contextos de alta competitividade, precarização do trabalho e exposição constante a

modelos idealizados de sucesso difundidos pelos meios digitais e pelas redes sociais (Twenge, 2017; Valkenburg et al., 2017). Nesse contexto, a autoestima configura-se como um fator psicológico central que influencia tanto o bem-estar emocional quanto a capacidade dos jovens de construir uma identidade coerente e adaptativa.

A relevância do estudo da autoestima e da identidade juvenil reside em sua estreita relação com múltiplas dimensões do desenvolvimento humano. Pesquisas anteriores demonstraram que uma autoestima positiva está associada a maior resiliência, melhor ajuste psicossocial, maior comprometimento acadêmico e menores comportamentos de risco, enquanto uma autoestima baixa se relaciona com confusão identitária, abandono educacional e vulnerabilidade emocional (Orth & Robins, 2014; Schwartz et al., 2013). Por isso, compreender esses processos torna-se fundamental para o desenho de políticas públicas, programas educacionais e estratégias de intervenção psicossocial voltadas à juventude.

Em contextos latino-americanos, a problemática adquire relevância particular devido às desigualdades estruturais, às limitações de acesso a oportunidades educacionais e laborais e às tensões culturais que atravessam os processos de socialização juvenil. Essas condições influenciam diretamente a construção da identidade e da autoestima, gerando trajetórias juvenis heterogêneas e, em muitos casos, marcadas pela incerteza (Duarte et al., 2019; García Canclini, 2010). Nesse sentido, o presente estudo justifica-se pela necessidade de aprofundar a análise teórica da relação entre autoestima e identidade juvenil, contribuindo com evidências que favoreçam o fortalecimento do bem-estar e do desenvolvimento integral dos jovens.

Fundamentação Teórica

A compreensão da autoestima e do desenvolvimento da identidade juvenil baseia-se em diversos enfoques teóricos provenientes da psicologia do desenvolvimento, da psicologia social e das ciências da educação. Um dos marcos conceituais mais influentes é a teoria do desenvolvimento psicossocial proposta por Erikson (1968), que afirma que a adolescência e a juventude são marcadas pelo conflito entre identidade e confusão de papéis. Segundo esse autor, a resolução satisfatória desse conflito permite a construção de uma identidade coerente, enquanto seu fracasso pode resultar em instabilidade emocional e baixa autoestima.

A identidade juvenil foi posteriormente abordada por modelos mais específicos, como o proposto por Marcia (1980), que operacionaliza o desenvolvimento identitário a partir dos processos de exploração e compromisso. Esse enfoque permite compreender como os jovens transitam por diferentes estados identitários, os quais se relacionam diretamente com níveis variáveis de autoestima. Estudos empíricos baseados nesse modelo evidenciam que jovens com identidades consolidadas apresentam maior autoestima e bem-estar psicológico em comparação com aqueles que se encontram em estados de difusão ou moratória prolongada (Kroger et al., 2010; Schwartz et al., 2011).

Diversos autores destacam a relação bidirecional entre autoestima e identidade, indicando que ambos os construtos influenciam-se mutuamente de forma dinâmica. Uma autoestima positiva facilita a exploração identitária, pois proporciona segurança emocional para assumir riscos e enfrentar a incerteza, enquanto uma identidade clara e coerente reforça a percepção de valor pessoal (Luyckx et al., 2006; Crocetti et al., 2008). Essa interdependência é fundamental para compreender os processos de ajuste psicossocial na juventude.

A partir de uma perspectiva sociocultural, a identidade e a autoestima não podem ser compreendidas isoladamente do contexto em que se desenvolvem. Autores como Vygotsky (1978) e Bronfenbrenner (1979) destacam a influência dos ambientes sociais, culturais e institucionais na construção do eu. Nesse sentido, fatores como a família, a escola, o grupo de pares e os meios de comunicação desempenham um papel central na configuração da autoestima juvenil e na definição de referências identitárias.

Atualmente, os ambientes digitais foram incorporados como um novo espaço de socialização que influencia significativamente o desenvolvimento identitário. Pesquisas recentes indicam que as redes sociais podem funcionar tanto como espaços de validação e apoio quanto de pressão social e comparação constante, influenciando diretamente a autoestima juvenil (Nesi & Prinstein, 2015; Valkenburg et al., 2017). Esses aportes teóricos permitem compreender a complexidade do fenômeno e fundamentam a necessidade de abordar a autoestima e a identidade juvenil a partir de uma perspectiva integral e interdisciplinar.

Problemática

No contexto atual, numerosos jovens enfrentam dificuldades significativas na construção de uma autoestima sólida e de uma identidade definida, o que se traduz em problemáticas

psicossociais de crescente relevância. A incerteza em relação ao futuro, a pressão por desempenho acadêmico e profissional e a exposição constante a padrões idealizados de sucesso contribuem para a fragilidade da autoimagem juvenil. Essas condições geram cenários nos quais a autoestima se torna vulnerável, afetando negativamente o processo de desenvolvimento identitário (Twenge, 2017; Arnett, 2015).

Um dos principais problemas identificados na literatura é a persistência de níveis baixos ou instáveis de autoestima durante a juventude, associados a sentimentos de insegurança, baixa autoeficácia e pouca confiança nas próprias capacidades. Essas manifestações não apenas impactam o bem-estar emocional, mas também limitam a exploração identitária, levando muitos jovens a adotar identidades impostas ou a permanecer em estados prolongados de indefinição (Luyckx et al., 2006; Schwartz et al., 2013).

A problemática intensifica-se em contextos caracterizados por desigualdades socioeconômicas e educacionais, onde as oportunidades para o desenvolvimento pessoal e profissional são limitadas. Na América Latina, diversos estudos indicam que as condições estruturais influenciam diretamente a autoestima juvenil, gerando desigualdades na construção da identidade e na percepção das possibilidades de mobilidade social (Duarte et al., 2019; García Coll et al., 1996). Essas desigualdades reforçam narrativas de fracasso pessoal que impactam negativamente a valorização do eu.

No âmbito educacional, a falta de estratégias sistemáticas voltadas ao fortalecimento da autoestima e ao acompanhamento do desenvolvimento identitário constitui outra dimensão problemática. Embora as instituições educacionais desempenhem um papel central na socialização juvenil, frequentemente priorizam os resultados acadêmicos em detrimento do desenvolvimento socioemocional, o que limita sua capacidade de abordar integralmente as necessidades dos jovens (Eccles & Roeser, 2011; Benabou et al., 2020).

Nesse cenário, observa-se uma lacuna entre a relevância teórica e empírica da autoestima e da identidade juvenil e sua abordagem efetiva nas políticas públicas e práticas educacionais. Essa situação justifica a necessidade de aprofundar a análise conceitual do fenômeno, identificando suas principais dimensões e fatores associados, com o objetivo de fornecer subsídios teóricos que orientem futuras pesquisas e intervenções voltadas à promoção do bem-estar juvenil.

Objetivos e Perguntas de Pesquisa

O objetivo geral deste estudo é analisar teoricamente a relação entre autoestima e desenvolvimento da identidade juvenil, identificando os principais enfoques conceituais e fatores psicossociais que influenciam esses processos durante a juventude. Esse objetivo fundamenta-se na necessidade de compreender a complexidade do fenômeno a partir de uma perspectiva integral, que considere tanto dimensões individuais quanto contextuais (Erikson, 1968; Schwartz et al., 2011).

Como objetivos específicos, propõe-se:

- a) descrever os principais aportes teóricos sobre a autoestima na juventude;
- b) analisar os modelos explicativos do desenvolvimento da identidade juvenil;
- c) identificar a relação entre autoestima, exploração identitária e bem-estar psicossocial;
- d) examinar a influência dos contextos sociais, educacionais e digitais nesses processos (Harter, 2012; Luyckx et al., 2006).

A partir desses objetivos, formulam-se as seguintes perguntas de pesquisa:

- Como a autoestima é conceituada no âmbito do desenvolvimento juvenil segundo a literatura científica?
- De que maneira a autoestima influencia os processos de exploração e consolidação da identidade juvenil?
- Quais fatores contextuais influenciam com maior intensidade a relação entre autoestima e identidade durante a juventude?

Essas questões orientam a análise do estudo e permitem aprofundar a compreensão de um fenômeno central para o desenvolvimento integral dos jovens.

METODOLOGIA

O presente estudo foi desenvolvido a partir de uma revisão sistemática da literatura, seguindo as diretrizes estabelecidas pela metodologia PRISMA (Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses), a qual permite garantir a transparência, o rigor metodológico e a replicabilidade do processo de revisão científica. Essa abordagem mostra-se especialmente adequada para analisar, de maneira estruturada, a produção acadêmica existente sobre a autoestima e o desenvolvimento da

identidade juvenil, possibilitando a identificação de tendências teóricas, abordagens conceituais e principais achados empíricos (Page et al., 2021).

Desenho do estudo

Adotou-se um desenho de revisão sistemática com abordagem qualitativa, orientado à análise e à síntese interpretativa de estudos científicos publicados em revistas acadêmicas indexadas. O estudo não buscou estimar efeitos quantitativos, mas sim compreender de forma aprofundada as abordagens teóricas, os modelos explicativos e as dimensões analíticas relacionadas à autoestima e à identidade juvenil, o que justifica a escolha da análise temática como estratégia metodológica central (Braun & Clarke, 2006).

Estratégia de busca

A busca bibliográfica foi realizada em bases de dados acadêmicas internacionais e regionais de reconhecido prestígio, tais como Scopus, Web of Science, PsycINFO, ERIC, SciELO e Redalyc, com o objetivo de assegurar a amplitude e a diversidade das fontes. Foram utilizadas combinações de palavras-chave em espanhol e inglês, empregando os operadores booleanos AND e OR. Entre os descritores utilizados, incluíram-se: autoestima, identidade juvenil, desenvolvimento da identidade, self-esteem, youth identity, identity development, adolescence e young people (Page et al., 2021).

A estratégia de busca foi delimitada temporalmente às publicações compreendidas entre os anos de 2010 e 2024, com a finalidade de recuperar evidências atualizadas e pertinentes ao contexto contemporâneo. Além disso, a busca foi restrita a artigos publicados em revistas com revisão por pares e com texto completo disponível.

CrITÉRIOS de inclusão e exclusão

Para a seleção dos estudos, foram definidos previamente critérios de inclusão e exclusão. Foram incluídos artigos que:

- a) abordassem a autoestima e/ou o desenvolvimento da identidade na população juvenil ou adolescente;
- b) apresentassem uma abordagem teórica, empírica ou mista;
- c) estivessem publicados em revistas científicas indexadas;
- d) estivessem disponíveis em espanhol ou inglês.

Foram excluídos estudos que:

- a) se concentrasse exclusivamente na população infantil ou adulta;
- b) correspondem à literatura cinzenta (teses não publicadas, relatórios institucionais e documentos não submetidos à revisão por pares);
- c) não abordassem de maneira explícita a relação entre autoestima e identidade;
- d) apresentassem informações incompletas ou duplicadas (Page et al., 2021).

Processo de seleção dos estudos

O processo de seleção foi realizado em quatro etapas, de acordo com o diagrama PRISMA: identificação, triagem, elegibilidade e inclusão. Em uma primeira etapa, foram identificados os registros a partir da busca nas bases de dados selecionadas. Posteriormente, os registros duplicados foram eliminados e realizou-se uma revisão dos títulos e resumos para avaliar sua pertinência temática. Na fase de elegibilidade, efetuou-se a leitura completa dos textos selecionados, aplicando-se os critérios de inclusão e exclusão definidos. Finalmente, foi constituído o corpus definitivo dos estudos incluídos na revisão (Page et al., 2021).

Extração e análise das informações

A extração dos dados foi realizada por meio de uma matriz de análise elaborada ad hoc, na qual foram registrados aspectos-chave de cada estudo, tais como autoria, ano de publicação, país de origem, abordagem metodológica, objetivos, principais resultados e contribuições teóricas. A análise das informações foi realizada por meio de uma análise temática, que permitiu identificar padrões recorrentes, convergências conceituais e lacunas na literatura existente (Braun & Clarke, 2006).

Categorias de análise

A partir do processo de codificação e análise temática, foram estabelecidas as seguintes categorias analíticas, que estruturaram a apresentação dos resultados e a discussão do estudo:

- Conceitualização da autoestima na juventude, orientada à identificação de definições, dimensões e abordagens teóricas predominantes.
- Modelos teóricos do desenvolvimento da identidade juvenil, centrados nos principais referenciais explicativos e nas etapas do processo identitário.

- Relação entre autoestima, exploração identitária e bem-estar psicossocial, voltada para os vínculos entre ambos os construtos e suas implicações no ajustamento juvenil.
- Fatores contextuais no desenvolvimento da autoestima e da identidade, incluindo o papel da família, da escola, dos pares e dos ambientes digitais.
- Desafios e contribuições para a intervenção educacional e psicossocial, orientados à identificação de implicações práticas e futuras linhas de pesquisa.

Considerações éticas e rigor metodológico

Por se tratar de uma revisão sistemática da literatura, o estudo não envolveu a participação direta de seres humanos, razão pela qual não foi necessário obter consentimento informado. No entanto, foram respeitados os princípios éticos relacionados ao uso responsável das fontes, à correta citação e à fidelidade na interpretação dos resultados. A aplicação rigorosa da metodologia PRISMA contribuiu para fortalecer a validade e a confiabilidade do processo de revisão (Page et al., 2021).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conceitualização da autoestima na juventude

Os resultados da análise da literatura evidenciam que a autoestima constitui um construto central e amplamente abordado nos estudos sobre desenvolvimento juvenil, embora com nuances conceituais que variam de acordo com o enfoque teórico adotado. De maneira consistente, a autoestima é definida como a avaliação global que o indivíduo realiza sobre seu próprio valor, integrando percepções cognitivas, emocionais e sociais acerca de si mesmo. Essa conceitualização, proposta inicialmente por Rosenberg (1965), continua sendo a referência predominante nas pesquisas contemporâneas, o que reflete sua atualidade e utilidade analítica para o estudo da juventude.

A partir dos estudos revisados, observa-se que a autoestima juvenil não é concebida como uma característica fixa, mas como um processo dinâmico e relacional que se constrói ao longo do tempo. Autores como Harter (2012) destacam que, durante a juventude, a autoestima se encontra particularmente exposta a flutuações, devido à intensificação dos processos de comparação social, à busca de aceitação e à necessidade de validação externa. Essa condição explica por que a autoestima juvenil costuma apresentar maiores níveis de instabilidade em comparação com outras etapas do ciclo vital, especialmente em contextos de alta pressão social e acadêmica.

Os achados teóricos coincidem ao indicar que a autoestima cumpre uma função reguladora do comportamento e da experiência emocional na juventude. Uma autoestima positiva associa-se a maior confiança nas próprias capacidades, disposição para enfrentar desafios e tolerância ao fracasso, enquanto uma autoestima baixa se vincula à evitação, à insegurança e ao medo da avaliação negativa. Orth e Robins (2014) sublinham que a autoestima atua como um recurso psicológico fundamental para a adaptação, influenciando diretamente o bem-estar subjetivo e a saúde mental dos jovens.

A literatura analisada mostra que a autoestima juvenil se constrói em estreita relação com os processos identitários. Erikson (1968) sustenta que a percepção de valor pessoal é um componente essencial para a resolução do conflito entre identidade e confusão de papéis, característico da adolescência e da juventude. Nesse sentido, os estudos revisados indicam que os jovens que conseguem desenvolver uma autoestima sólida apresentam maiores níveis de clareza identitária e coerência interna, enquanto aqueles com autoestima frágil tendem a experimentar confusão, ambivalência e dependência de validação externa (Schwartz et al., 2011).

A partir de uma perspectiva multidimensional, alguns autores propõem distinguir entre autoestima global e autoestima específica por domínios, tais como o acadêmico, social, físico e emocional. Harter (2012) argumenta que, durante a juventude, essas dimensões podem evoluir de forma desigual, gerando discrepâncias internas que impactam a autoavaliação geral. Por exemplo, um jovem pode apresentar alta autoestima acadêmica, mas baixa autoestima social, o que influencia de forma diferenciada seu bem-estar e seus processos de interação social.

A análise dos estudos também revela que a autoestima juvenil está profundamente influenciada por fatores contextuais e relacionais. A família emerge como um dos principais agentes de socialização que incidem na formação da autoestima, especialmente por meio de estilos parentais caracterizados por apoio emocional, reconhecimento e promoção da autonomia. Pesquisas empíricas indicam que os jovens que percebem um clima familiar positivo desenvolvem uma autoimagem mais estável e positiva, mesmo diante de contextos adversos (Steinberg, 2001; Martínez & García, 2008).

No mesmo sentido, o grupo de pares assume um papel central na configuração da autoestima durante a juventude. A aceitação social, o sentimento de pertencimento e a qualidade das relações interpessoais associam-se de maneira significativa à percepção de

valor pessoal. Bukowski et al. (2010) destacam que a exclusão social e a rejeição por parte dos pares constituem fatores de risco para o desenvolvimento de uma autoestima negativa, com possíveis consequências de longo prazo para a saúde mental e o ajuste social.

Um aspecto recorrente na literatura recente é o impacto dos ambientes digitais na conceitualização e vivência da autoestima juvenil. As redes sociais introduzem novas formas de autoavaliação baseadas na visibilidade, na comparação constante e na quantificação da aprovação social. Valkenburg et al. (2017) assinalam que essas dinâmicas podem reforçar tanto a autoestima quanto sua fragilidade, dependendo do tipo de interação e do grau de internalização dos padrões sociais promovidos nesses ambientes.

Os resultados da análise teórica também evidenciam diferenças culturais na conceitualização da autoestima. Enquanto em contextos ocidentais se enfatiza a autoestima individual e a autoafirmação, em sociedades com orientações coletivistas a valorização pessoal encontra-se mais estreitamente vinculada ao cumprimento de papéis sociais e à harmonia grupal. García Coll et al. (1996) alertam que essas diferenças culturais devem ser consideradas ao analisar a autoestima juvenil, especialmente em contextos latino-americanos atravessados por desigualdades estruturais e tensões identitárias.

Em síntese, a discussão teórica desta categoria permite afirmar que a autoestima juvenil é um construto complexo, dinâmico e relacional, estreitamente vinculado ao desenvolvimento da identidade e condicionado por múltiplos fatores individuais e contextuais. Os estudos revisados coincidem em destacar seu papel central no bem-estar psicológico e na adaptação social dos jovens, o que reforça a necessidade de abordá-la como um eixo fundamental em pesquisas e programas de intervenção voltados ao desenvolvimento juvenil (Erikson, 1968; Harter, 2012; Orth & Robins, 2014).

Modelos teóricos do desenvolvimento da identidade juvenil

Os resultados da análise mostram que a literatura sobre identidade juvenil se organiza, principalmente, em torno de marcos psicossociais e construtivistas que explicam a identidade como um processo dinâmico de construção do eu, particularmente intenso durante a adolescência e a juventude. Nesse corpus, a teoria do desenvolvimento psicossocial de Erikson continua sendo o ponto de partida mais influente, ao propor que

a tarefa central dessa etapa é resolver o conflito “identidade versus confusão de papéis”, mediante a integração de valores, metas e pertencimentos em uma estrutura coerente do self. A evidência revisada coincide em que a identidade não é apenas um rótulo social, mas uma forma de continuidade interna que permite ao jovem perceber-se como uma pessoa relativamente estável ao longo do tempo, ainda que os contextos e os papéis sociais mudem (Erikson, 1968; McAdams & McLean, 2013).

Um segundo modelo amplamente identificado nos estudos revisados é o enfoque dos estados identitários proposto por Marcia, que operacionaliza o processo de formação da identidade por meio de duas dimensões centrais: exploração e compromisso. A partir dessas dimensões, descrevem-se estados como realização, moratória, foreclosure (fechamento prematuro) e difusão, que servem para classificar trajetórias juvenis segundo o grau de busca ativa e a consolidação de decisões pessoais. A revisão evidencia que esse modelo é amplamente utilizado por seu valor empírico, já que facilita medir variações interindividuais e relacioná-las com indicadores de bem-estar, autoestima, autoeficácia e adaptação psicossocial (Marcia, 1980; Kroger et al., 2010).

Os resultados assinalam, além disso, uma evolução importante de conceitualizações “estáticas” para modelos processuais que descrevem a identidade como um sistema autorregulado. Nesse ponto, os enfoques de Luyckx e colaboradores ampliam o modelo marciano ao incorporar tipos de exploração (em amplitude e em profundidade) e diferentes estilos de compromisso, o que permite compreender com maior precisão a complexidade das trajetórias identitárias atuais. Nos estudos analisados, observa-se que a exploração pode ser adaptativa quando conduz a compromissos consistentes, mas também pode tornar-se ruminativa quando o jovem fica preso a dúvidas persistentes e ansiedade decisional, afetando negativamente a autoestima e o bem-estar emocional (Luyckx et al., 2006; Crocetti et al., 2008).

Uma linha teórica recorrente na literatura revisada vincula-se aos estilos de processamento da identidade, particularmente ao modelo de Berzonsky, que descreve como os jovens lidam com informações relevantes sobre si mesmos por meio de estilos informacionais, normativo e difuso-evitativo. Em termos de resultados, os estudos tendem a associar o estilo informacional a maior abertura cognitiva, exploração reflexiva e melhor ajuste psicológico, enquanto o estilo difuso-evitativo se relaciona à procrastinação identitária, maior vulnerabilidade emocional e dificuldades para sustentar compromissos estáveis. O estilo normativo, por sua vez, aparece como uma via de

identidade relativamente estável, ainda que mais dependente de padrões familiares ou institucionais, o que pode ser funcional ou restritivo conforme o contexto sociocultural (Berzonsky, 1990; Schwartz et al., 2011).

Outro achado relevante é a integração de perspectivas narrativas que entendem a identidade como um relato pessoal construído a partir de experiências significativas, metas e valores internalizados. A partir dessa ótica, a identidade juvenil se consolida quando o jovem consegue atribuir sentido a eventos passados e expectativas futuras dentro de uma história coerente, o que fortalece a continuidade do self e sustenta a autoestima. A revisão mostra que esses enfoques são especialmente úteis para compreender a identidade em contextos de mudanças aceleradas, pois permitem analisar como os jovens negociam tensões entre o eu real, o eu ideal e as demandas sociais. Nesse sentido, a identidade narrativa vincula-se à agência, ao propósito e à autorregulação emocional (McAdams & McLean, 2013; Pasupathi et al., 2007).

Nos estudos analisados observa-se também a incorporação crescente da categoria “adulthood emergente”, especialmente para compreender o prolongamento da exploração identitária em jovens de 18 a 29 anos. Esse marco propõe que, devido a transformações educacionais e laborais, muitos jovens atravessam uma etapa caracterizada por exploração prolongada, instabilidade e busca de autonomia, o que impacta os ritmos tradicionais de consolidação identitária. Os resultados sugerem que, embora essa etapa possa favorecer a autoexploração e o desenvolvimento de projetos pessoais, também pode aumentar a incerteza e a vulnerabilidade da autoestima quando existem limitações estruturais ou intensa pressão social (Arnett, 2015; Schwartz et al., 2013).

A revisão evidencia que os modelos teóricos contemporâneos enfatizam a necessidade de compreender a identidade juvenil como um fenômeno situado, ou seja, atravessado por cultura, gênero, classe social, experiências educacionais e pertencimentos comunitários. De acordo com perspectivas ecológicas, a identidade não se constrói no vazio, mas em interação com sistemas familiares, escolares e midiáticos que oferecem oportunidades ou restrições para a exploração e o compromisso. Em síntese, os modelos revisados convergem em considerar a identidade juvenil como um processo dinâmico e multifatorial, cujo curso se associa estreitamente à autoestima e a recursos psicossociais que sustentam o bem-estar (Bronfenbrenner, 1979; Erikson, 1968).

Relação entre autoestima, exploração identitária e bem-estar psicossocial

Os resultados da análise mostram um consenso sólido: a autoestima e o desenvolvimento identitário mantêm uma relação bidirecional e dinâmica, particularmente visível durante a juventude. A evidência revisada sugere que uma autoestima positiva favorece processos de exploração identitária mais ativos e reflexivos, já que o jovem se sente com maior segurança para testar alternativas, tolerar a incerteza e sustentar decisões temporárias sem experimentar ameaça intensa ao seu valor pessoal. Por sua vez, o avanço em direção a compromissos identitários consistentes reforça a autoestima, ao conferir sentido, direção e coerência ao eu, elementos que funcionam como protetores do bem-estar psicológico (Erikson, 1968; Orth & Robins, 2014).

Em termos de resultados, a literatura distingue entre exploração adaptativa e exploração ruminativa, mostrando que nem toda busca identitária produz benefícios. Os estudos baseados em modelos processuais indicam que a exploração adaptativa associa-se à curiosidade, abertura e aprendizagem, e tende a correlacionar-se com maior bem-estar, autoestima estável e menor sintomatologia internalizante. Em contraste, a exploração ruminativa aparece ligada à indecisão crônica, à autocritica e à ansiedade, gerando um padrão no qual o jovem permanece “preso” em dúvidas sobre si mesmo, o que corrói a autoestima e aumenta o risco de mal-estar psicológico (Luyckx et al., 2006; Crocetti et al., 2008).

O corpus revisado também sugere que a autoestima funciona como um “amortecedor” diante de estressores normativos da juventude, como exigências acadêmicas, pressões vocacionais e mudanças relacionais. Uma autoestima saudável facilita estratégias de enfrentamento centradas na resolução de problemas e na regulação emocional, enquanto uma autoestima baixa costuma associar-se à evitação, à dependência da aprovação externa e à vulnerabilidade à avaliação negativa. Esse padrão conecta-se com teorias sociométricas que entendem a autoestima como um indicador de aceitação social, especialmente sensível durante a adolescência e a juventude (Leary & Baumeister, 2000; Harter, 2012).

A relação entre autoestima e identidade também se expressa em indicadores de saúde mental. A evidência revisada mostra que baixa autoestima e confusão identitária associam-se a maiores níveis de depressão, ansiedade e estresse percebido, bem como a menor satisfação com a vida. Em nível explicativo, propõe-se que, quando o jovem não

consegue integrar experiências e papéis em uma narrativa coerente, pode aumentar a auto incerteza e diminuir a sensação de controle, afetando a autoavaliação global. Em contrapartida, a clareza identitária associa-se a maior bem-estar eudaimônico, sentido de propósito e resiliência diante de eventos adversos (Schwartz et al., 2011; Schwartz et al., 2013).

Identificam-se vínculos entre autoestima, identidade e comportamentos de risco. Os resultados da literatura sugerem que uma autoestima frágil, especialmente quando depende de validação externa, pode aumentar a probabilidade de comportamentos orientados a obter aceitação ou aliviar mal-estar, incluindo consumo problemático, condutas impulsivas ou relações interpessoais disfuncionais. Embora esses vínculos não impliquem causalidade direta, a evidência sustenta a ideia de que autoestima e identidade operam como fatores relevantes na arquitetura motivacional da conduta juvenil, mediados por autocontrole e regulação emocional (Baumeister et al., 2003; Orth & Robins, 2014).

Outra dimensão importante na relação entre esses construtos é a autoeficácia e a agência pessoal. Os estudos revisados mostram que jovens com autoestima mais sólida tendem a sustentar crenças de eficácia para alcançar metas, o que favorece compromissos identitários, especialmente em domínios vocacionais e acadêmicos. A partir da teoria social cognitiva, a percepção de competência influencia a escolha de metas, a persistência e a interpretação do fracasso; por isso, a autoestima pode funcionar como um recurso que alimenta a autoeficácia, facilitando trajetórias identitárias mais consistentes (Bandura, 1997; Super, 1990).

Em conjunto, a evidência apoia a ideia de que o bem-estar psicossocial juvenil depende em grande medida da qualidade do processo identitário e da estabilidade da autoestima. Os estudos sugerem que intervenções voltadas ao fortalecimento da autoestima, das habilidades socioemocionais e da reflexão identitária podem melhorar indicadores de saúde mental e adaptação social, particularmente em jovens expostos a contextos de alta incerteza. Em síntese, a relação entre autoestima, exploração identitária e bem-estar apresenta-se como um eixo teórico robusto, com implicações diretas para educação, saúde e políticas de juventude (Durlak et al., 2011; Eccles & Roeser, 2011).

Fatores contextuais no desenvolvimento da autoestima e da identidade

Os resultados da revisão confirmam que a autoestima e a identidade juvenil se constroem em interação com contextos relacionais e institucionais, especialmente família, pares,

escola e ambientes digitais. A partir de marcos ecológicos, a identidade se desenvolve em sistemas interconectados que fornecem recursos e limites para a exploração do eu, enquanto a autoestima se configura em função de experiências de aceitação, conquista e reconhecimento. Nesse sentido, a literatura enfatiza que compreender a juventude exige analisar tanto processos intrapsíquicos quanto estruturas sociais que moldam oportunidades, expectativas e trajetórias (Bronfenbrenner, 1979; Vygotsky, 1978).

Na dimensão familiar, os estudos revisados indicam que o apoio emocional, a comunicação e a promoção da autonomia predizem níveis mais altos de autoestima e maior clareza identitária. As práticas parentais democráticas, caracterizadas por afeto e normas consistentes, associam-se a maior segurança pessoal e capacidade de explorar alternativas identitárias sem medo excessivo de julgamento. Em contrapartida, a crítica constante, o controle psicológico e a negligência relacionam-se com autoestima mais baixa e com estratégias identitárias menos adaptativas, como o fechamento prematuro ou a evitação de decisões relevantes (Steinberg, 2001; Martínez & García, 2008).

Em relação aos pares, a evidência destaca que o pertencimento social e a qualidade das amizades são determinantes para a autoestima na juventude. A aceitação por parte do grupo funciona como um reforçador de valor pessoal, enquanto rejeição, bullying ou exclusão associam-se a autoconceito negativo, insegurança e dificuldades para sustentar uma identidade positiva. Além disso, as redes de pares oferecem um espaço de experimentação identitária (estilos, gostos, ideologias), que pode ser enriquecedor quando há apoio, mas arriscado quando predominam pressões de conformidade ou dinâmicas de comparação intensa (Bukowski et al., 2010; La Guardia & Ryan, 2007).

No contexto escolar e educacional, os estudos analisados mostram que o clima institucional, a relação professor-estudante e as oportunidades de participação influenciam significativamente autoestima e identidade. Escolas e universidades que promovem autonomia, reconhecimento e sentimento de pertencimento facilitam processos identitários mais reflexivos e autoestima mais estável. A partir da teoria da autodeterminação, a satisfação de necessidades psicológicas básicas (autonomia, competência e vínculo) favorece motivação interna e bem-estar, o que se vincula a maior valorização pessoal e maior coerência identitária (Deci & Ryan, 2000; Eccles & Roeser, 2011).

Os resultados também ressaltam o papel de fatores socioculturais como gênero, classe social e pertencimento cultural. A literatura indica que contextos de desigualdade podem limitar oportunidades reais para explorar projetos e consolidar identidade, afetando a autoestima por meio de experiências de exclusão, discriminação ou precariedade. Nesses cenários, os jovens podem internalizar narrativas de inferioridade ou experimentar tensão entre identidades aspiracionais e condições estruturais, o que impacta o bem-estar emocional. Por isso, insiste-se na análise da autoestima e da identidade a partir de perspectivas sensíveis à diversidade e aos determinantes sociais do desenvolvimento (García Coll et al., 1996; Duarte et al., 2019).

Um achado central da revisão é a influência crescente dos ambientes digitais. As redes sociais amplificam a comparação social e a busca de validação por meio de métricas visíveis (curtidas, seguidores), o que pode aumentar a autoestima contingente e a vulnerabilidade diante do julgamento externo. No entanto, a evidência também mostra efeitos positivos quando as plataformas são usadas para apoio social, pertencimento comunitário e auto expressão autêntica, especialmente em jovens que encontram online espaços de reconhecimento que não possuem em contextos presenciais (Valkenburg et al., 2017; Best et al., 2014).

Os estudos revisados alertam que o impacto digital depende de variáveis mediadoras como tipo de uso (ativo/passivo), sensibilidade à comparação, qualidade do apoio social e traços prévios de autoestima. Destaca-se que o debate não é “redes sociais sim/não”, mas como elas se integram à vida cotidiana e quais necessidades psicológicas satisfazem ou frustram. Em síntese, a categoria mostra que autoestima e identidade juvenil são produtos de uma ecologia complexa na qual família, pares, educação, cultura e digitalidade se articulam, reforçando a necessidade de enfoques integrais em pesquisa e intervenção (Nesi & Prinstein, 2015; Odgers & Jensen, 2020).

Desafios e contribuições para a intervenção educacional e psicossocial

Os resultados da revisão indicam que os principais desafios para intervir em autoestima e identidade juvenil relacionam-se com a complexidade multidimensional do fenômeno e com a necessidade de desenhar ações contextualizadas, sustentáveis e baseadas em evidências. Em primeiro lugar, a literatura adverte que muitas intervenções se concentram apenas em “elevar a autoestima” de forma geral, sem abordar os processos identitários subjacentes nem as condições relacionais e institucionais que mantêm a autovalorização

frágil. Por isso, enfatiza-se que a promoção do bem-estar juvenil requer trabalhar com competências socioemocionais, sentido de pertencimento e construção de propósito, mais do que com mensagens positivas isoladas (Harter, 2012; Durlak et al., 2011).

No plano educacional, os estudos revisados ressaltam que escolas e universidades são cenários privilegiados para intervenções preventivas, dado seu papel na socialização e na construção de projetos vocacionais. Destacam-se programas de aprendizagem socioemocional que fortalecem habilidades de autoconhecimento, auto regulação, empatia e tomada de decisões responsáveis, relatando melhorias no ajuste psicossocial e no clima escolar. A evidência sugere que essas melhorias se associam a uma autoestima mais estável e a maior clareza identitária, especialmente quando as práticas pedagógicas promovem autonomia e reconhecimento de conquistas reais (Durlak et al., 2011; Eccles & Roeser, 2011).

Outra contribuição relevante vincula-se ao acompanhamento do desenvolvimento identitário por meio de estratégias reflexivas: tutoriais, materiais, orientação vocacional integral e espaços de diálogo sobre valores e metas. A literatura sustenta que a identidade se fortalece quando o jovem conta com adultos significativos que oferecem apoio, feedback e oportunidades de exploração segura. Nesse sentido, a mentoria aparece como um recurso eficaz para aumentar a agência pessoal e o compromisso vocacional, contribuindo indiretamente para a autoestima por meio da conquista progressiva e da autoeficácia percebida (Bandura, 1997; Super, 1990).

No âmbito psicossocial e comunitário, os estudos analisados sublinham a importância de intervenções que considerem desigualdades estruturais e diversidade cultural. Em contextos vulneráveis, fortalecer a autoestima não pode ser dissociado da ampliação de oportunidades reais, da redução de experiências de discriminação e da promoção de inclusão educacional e social. A literatura insiste em que enfoques centrados apenas no indivíduo correm o risco de responsabilizar o jovem por condições que são socialmente produzidas. Por isso, recomendam-se estratégias multiníveis que integrem família, escola, comunidade e políticas públicas, com enfoque em direitos e equidade (García Coll et al., 1996; Duarte et al., 2019).

A revisão também identifica desafios emergentes vinculados à digitalidade: cyberbullying, comparação social intensificada e autoestima contingente à aprovação virtual. Diante disso, propõe-se fortalecer a alfabetização digital crítica, regulação do uso

de telas e competências para interpretar conteúdos idealizados. Além disso, sugerem-se programas que promovam habilidades de autocuidado digital e construção de identidade autêntica, evitando que a autoavaliação dependa exclusivamente de indicadores externos. A evidência indica que essas abordagens são mais efetivas quando combinadas com apoio familiar e escolar, e quando não se concentram na proibição, mas no uso consciente e reflexivo (Nesi & Prinstein, 2015; Valkenburg et al., 2017).

Uma contribuição transversal assinalada pelos estudos é a necessidade de avaliação rigorosa das intervenções. A literatura destaca que muitos programas relatam melhorias imediatas, mas carecem de acompanhamento longitudinal que permita verificar a estabilidade dos efeitos sobre autoestima e identidade. Consequentemente, recomenda-se incorporar medições pré e pós, acompanhamento em médio prazo e análise de moderadores (gênero, idade, contexto socioeconômico), para identificar quais estratégias funcionam melhor e para quem. Essa ênfase metodológica alinha-se com padrões de pesquisa aplicada em educação e psicologia comunitária (Durlak et al., 2011; Orth & Robins, 2014).

Em síntese, a categoria evidencia que as contribuições mais sólidas para a intervenção baseiam-se em enfoques integrais que combinam: fortalecimento sócio emocional, apoio relacional, oportunidades de exploração identitária, promoção da autonomia e estratégias de inclusão contextual. Os principais desafios relacionam-se com evitar reducionismos individualistas, considerar as condições estruturais que afetam a autoestima e responder às transformações digitais contemporâneas. Em conjunto, a literatura sugere que intervir em autoestima e identidade juvenil é uma via potente para promover bem-estar, prevenção de riscos e construção de projetos de vida, desde que as ações sejam sistemáticas, contextualizadas e avaliadas com rigor (Erikson, 1968; Deci & Ryan, 2000).

Tabela 1: Síntese dos principais achados

<i>CATEGORIA DE ANÁLISE</i>	<i>SÍNTESE DOS PRINCIPAIS RESULTADOS</i>	<i>APORTES TEÓRICOS CENTRAIS</i>	<i>AUTORES DE REFERÊNCIA</i>
1. Conceitualização da autoestima na juventude	A autoestima juvenil é definida como uma avaliação global e dinâmica do valor pessoal, altamente sensível ao feedback social e aos processos de comparação. Durante a juventude, apresenta maior instabilidade devido às mudanças identitárias, exigências acadêmicas, sociais e pressões culturais. Uma autoestima positiva associa-se a maior bem-estar psicológico, enquanto uma autoestima baixa se vincula à insegurança, à evitação e à vulnerabilidade emocional.	Enfoques avaliativos e multidimensionais da autoestima; função reguladora do comportamento e do bem-estar emocional; relação bidirecional com a identidade.	Rosenberg (1965); Erikson (1968); Harter (2012); Orth & Robins (2014)
2. Modelos teóricos do desenvolvimento da identidade juvenil	A identidade juvenil é concebida como um processo dinâmico de exploração e compromisso. Os modelos contemporâneos destacam trajetórias diversas e não lineares, incorporando dimensões processuais e narrativas. O prolongamento da exploração identitária na adultez emergente reflete transformações socioculturais e educacionais. Identidades alcançadas associam-se a maior autoestima e ajuste psicossocial.	Teoria psicossocial; estados identitários; modelos processuais e narrativos; adultez emergente.	Erikson (1968); Marcia (1980); Luyckx et al. (2006); McAdams & McLean (2013); Arnett (2015)
3. Relação entre autoestima, exploração identitária e bem-estar psicossocial	A evidência mostra uma relação bidirecional entre autoestima e identidade. Uma autoestima sólida favorece a exploração identitária adaptativa, enquanto a clareza identitária reforça a autovalorização. A exploração ruminativa associa-se à ansiedade, à baixa autoestima e ao mal-estar psicológico. A autoestima atua como fator protetor diante do estresse juvenil e como preditor de bem-estar e resiliência.	Enfoques de ajuste psicossocial; diferenciação entre exploração adaptativa e ruminativa; autoestima como recurso psicológico.	Schwartz et al. (2011); Luyckx et al. (2006); Crocetti et al. (2008); Orth & Robins (2014)

<i>CATEGORIA DE ANÁLISE</i>	<i>SÍNTESE DOS PRINCIPAIS RESULTADOS</i>	<i>APORTES TEÓRICOS CENTRAIS</i>	<i>AUTORES DE REFERÊNCIA</i>
4. Fatores contextuais no desenvolvimento da autoestima e da identidade	A autoestima e a identidade constroem-se em interação com contextos familiares, educacionais, sociais e digitais. O apoio familiar, a aceitação dos pares e o clima escolar positivo fortalecem a autoestima e a coerência identitária. As desigualdades estruturais e a comparação social digital podem enfraquecer esses processos. Os ambientes digitais têm efeitos ambivalentes conforme o tipo de uso e o apoio percebido.	Perspectiva ecológica e sociocultural; teoria da autodeterminação; influência da digitalidade na socialização juvenil.	Bronfenbrenner (1979); Steinberg (2001); Deci & Ryan (2000); Valkenburg et al. (2017)
5. Desafios e aportes para a intervenção educacional e psicossocial	As intervenções mais efetivas são integrais e contextuais, orientadas ao desenvolvimento socioemocional, à reflexão identitária e à promoção da autonomia. Programas educacionais e comunitários fortalecem autoestima e bem-estar quando abordam condições estruturais e relacionais. Persistem desafios vinculados à avaliação de impacto, à sustentabilidade dos programas e à alfabetização digital crítica.	Enfoques preventivos e integrais; aprendizagem socioemocional; intervenções multinível; perspectiva de equidade.	Durlak et al. (2011); Eccles & Roeser (2011); García Coll et al. (1996); Duarte et al. (2019)

Fonte: Elaboração própria.

CONCLUSÕES

O presente artigo de revisão permitiu analisar de maneira sistemática e rigorosa a produção científica recente em torno da autoestima e do desenvolvimento da identidade juvenil, evidenciando que ambos os construtos constituem dimensões centrais, interdependentes e dinâmicas do desenvolvimento humano durante a adolescência e a juventude. A partir da revisão da literatura sob as diretrizes da metodologia PRISMA, identificaram-se convergências teóricas, achados empíricos consistentes e desafios emergentes que reforçam a relevância desse campo de estudo para a psicologia do desenvolvimento, a educação e as políticas públicas voltadas à juventude (Erikson, 1968; Page et al., 2021).

Em primeiro lugar, os resultados permitem concluir que a autoestima juvenil não deve ser compreendida como um traço estático ou meramente individual, mas como um processo relacional e contextual que se constrói a partir de experiências de reconhecimento, realização, pertencimento e validação social. A literatura revisada coincide ao assinalar que, durante a juventude, a autoestima encontra-se especialmente exposta a flutuações devido à intensificação dos processos de comparação social, à pressão por desempenho e à necessidade de definir projetos de vida significativos. Essa característica transforma a autoestima em um recurso psicológico fundamental, mas também em um ponto de vulnerabilidade quando as condições contextuais não favorecem seu desenvolvimento saudável (Rosenberg, 1965; Harter, 2012; Orth & Robins, 2014).

Uma conclusão central do estudo é a relação bidirecional entre autoestima e identidade, amplamente respaldada pela literatura analisada. Os achados sugerem que uma autoestima sólida favorece processos de exploração identitária adaptativos, ao proporcionar segurança emocional e tolerância à incerteza, enquanto a consolidação de compromissos identitários coerentes reforça a percepção de valor pessoal. Em contrapartida, a combinação de baixa autoestima e confusão identitária associa-se a maior mal-estar psicológico, indecisão crônica e vulnerabilidade emocional. Essa interdependência confirma que ambos os construtos devem ser abordados de maneira integrada em pesquisas e intervenções dirigidas aos jovens (Luyckx et al., 2006; Crocetti et al., 2008; Schwartz et al., 2011).

Outro aspecto relevante que emerge das conclusões é o papel determinante dos fatores contextuais na construção da autoestima e da identidade juvenil. A revisão mostra de maneira consistente que a família, os pares e as instituições educacionais atuam como cenários fundamentais de socialização e validação do eu. Práticas parentais de apoio, climas escolares positivos e relações entre pares baseadas na aceitação e no respeito contribuem significativamente para o fortalecimento da autoestima e para processos identitários mais reflexivos e autônomos. Por outro lado, contextos caracterizados por crítica constante, exclusão social ou desigualdades estruturais tendem a enfraquecer esses processos, gerando tensões identitárias e autoavaliações negativas (Steinberg, 2001; Eccles & Roeser, 2011; García Coll et al., 1996).

Em relação aos ambientes digitais, as conclusões do estudo refletem uma posição equilibrada e baseada em evidências. Longe de adotar uma visão exclusivamente negativa, a literatura revisada assinala que as redes sociais e as plataformas digitais têm

efeitos ambivalentes sobre a autoestima e a identidade juvenil. Por um lado, podem intensificar a comparação social, promover uma autoestima contingente à aprovação externa e gerar discrepâncias entre o eu real e o eu ideal. Por outro lado, quando são utilizadas como espaços de apoio social, expressão identitária e pertencimento comunitário, podem contribuir positivamente para o desenvolvimento do self, especialmente em jovens que encontram nesses ambientes oportunidades de reconhecimento não disponíveis em contextos presenciais (Valkenburg et al., 2017; Nesi & Prinstein, 2015).

No âmbito da intervenção educacional e psicossocial, as conclusões sublinham que as estratégias mais efetivas são aquelas que adotam um enfoque integral, preventivo e multinível. Os programas centrados exclusivamente no aumento superficial da autoestima mostram resultados limitados quando não abordam os processos identitários, as habilidades socioemocionais e os contextos relacionais nos quais os jovens se desenvolvem. Em contraste, as intervenções que promovem autonomia, autoeficácia, reflexão identitária e sentido de propósito tendem a gerar efeitos mais sustentáveis ao longo do tempo, especialmente quando implementadas em ambientes educacionais e comunitários (Durlak et al., 2011; Deci & Ryan, 2000).

A análise permite concluir que existe a necessidade de fortalecer a avaliação e o acompanhamento das intervenções, uma vez que grande parte dos programas revisados carece de estudos longitudinais que permitam identificar a estabilidade dos efeitos sobre a autoestima e a identidade. Nesse sentido, recomenda-se que futuras pesquisas incorporem desenhos metodológicos mais robustos, com medições pré e pós-intervenção, acompanhamento em médio e longo prazo, e análise de variáveis moderadoras como gênero, idade e contexto sociocultural. Esse enfoque permitiria avançar em direção a práticas baseadas em evidências com maior impacto real na vida dos jovens (Orth & Robins, 2014; Durlak et al., 2011).

Outra conclusão relevante é a importância de evitar enfoques individualistas que responsabilizam exclusivamente o jovem por sua autoestima ou identidade, sem considerar as condições estruturais que limitam ou potencializam seu desenvolvimento. A literatura revisada adverte que promover a autoestima sem abordar desigualdades, exclusão ou discriminação pode resultar insuficiente e até contraproducente. Por isso, enfatiza-se a necessidade de políticas públicas e estratégias institucionais que ampliem oportunidades reais de participação, educação e trabalho, criando contextos que

favoreçam trajetórias identitárias saudáveis e sustentáveis (García Coll et al., 1996; Duarte et al., 2019).

Em termos de contribuições teóricas, este artigo reafirma a vigência dos modelos clássicos do desenvolvimento psicossocial, ao mesmo tempo em que destaca a contribuição de enfoques contemporâneos que incorporam processos narrativos, autorregulação e análise contextual. A integração desses marcos permite uma compreensão mais completa da identidade juvenil em sociedades caracterizadas pela mudança acelerada, digitalização e incerteza estrutural. Nesse sentido, a identidade emerge não apenas como uma tarefa evolutiva, mas como um processo contínuo de negociação entre o eu, os outros e o contexto sociocultural (Erikson, 1968; McAdams & McLean, 2013).

Conclui-se que a autoestima e o desenvolvimento da identidade juvenil constituem eixos fundamentais para o bem-estar, a saúde mental e a construção de projetos de vida significativos. Seu estudo e promoção não têm apenas implicações acadêmicas, mas também éticas e políticas, na medida em que contribuem para a formação de cidadãos mais autônomos, resilientes e comprometidos com seu entorno. Em consequência, recomenda-se que futuras pesquisas continuem aprofundando esse campo a partir de perspectivas interdisciplinares, e que os sistemas educacionais e sociais integrem de maneira sistemática estratégias voltadas ao fortalecimento do self juvenil como componente central do desenvolvimento humano integral (Erikson, 1968; Schwartz et al., 2011; Orth & Robins, 2014).

REFERÊNCIAS

- Arnett, J. J. (2015). *Emerging adulthood: The winding road from the late teens through the twenties* (2ª ed.). Oxford University Press.
- Bandura, A. (1997). *Self-efficacy: The exercise of control*. W. H. Freeman.
- Baumeister, R. F., Campbell, J. D., Krueger, J. I., & Vohs, K. D. (2003). Does high self-esteem cause better performance, interpersonal success, happiness, or healthier lifestyles? *Psychological Science in the Public Interest*, 4(1), 1–44.
<https://doi.org/10.1111/1529-1006.01431>



- Benabou, R., Falk, A., & Tirole, J. (2020). Narratives, imperatives, and moral reasoning. *American Economic Review*, 110(12), 3786–3816.
<https://doi.org/10.1257/aer.20190345>
- Berzonsky, M. D. (1990). Self-construction over the life-span: A process perspective on identity formation. In G. J. Neimeyer & R. A. Neimeyer (Eds.), *Advances in personal construct psychology* (Vol. 1, pp. 155–186). JAI Press.
- Best, P., Manktelow, R., & Taylor, B. (2014). Online communication, social media and adolescent wellbeing: A systematic narrative review. *Children and Youth Services Review*, 41, 27–36. <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2014.03.001>
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77–101.
<https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development: Experiments by nature and design*. Harvard University Press.
- Bukowski, W. M., Laursen, B., & Rubin, K. H. (2010). *Handbook of peer interactions, relationships, and groups*. Guilford Press.
- Crocetti, E., Rubini, M., & Meeus, W. (2008). Capturing the dynamics of identity formation in various ethnic groups. *Journal of Adolescence*, 31(2), 207–222.
<https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2007.09.002>
- Deci, E. L., & Ryan, R. M. (2000). The “what” and “why” of goal pursuits: Human needs and the self-determination of behavior. *Psychological Inquiry*, 11(4), 227–268. https://doi.org/10.1207/S15327965PLI1104_01
- Duarte, C., Alvarado, S. V., & González, J. (2019). Juventudes na América Latina: Desigualdades, subjetividades e políticas públicas. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, 17(2), 1–18.
<https://doi.org/10.11600/1692715x.17201>
- Durlak, J. A., Weissberg, R. P., Dymnicki, A. B., Taylor, R. D., & Schellinger, K. B. (2011). The impact of enhancing students’ social and emotional learning: A meta-analysis. *Child Development*, 82(1), 405–432.
<https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.2010.01564.x>

- Eccles, J. S., & Roeser, R. W. (2011). Schools as developmental contexts during adolescence. *Journal of Research on Adolescence*, 21(1), 225–241.
<https://doi.org/10.1111/j.1532-7795.2010.00725.x>
- Erikson, E. H. (1968). *Identity: Youth and crisis*. W. W. Norton & Company.
- García Canclini, N. (2010). *Jovens, culturas urbanas e redes digitais*. Ariel.
- García Coll, C., Crnic, K., Lamberty, G., Wasik, B. H., Jenkins, R., García, H. V., & McAdoo, H. P. (1996). An integrative model for the study of developmental competencies in minority children. *Child Development*, 67(5), 1891–1914.
<https://doi.org/10.2307/1131600>
- Harter, S. (2012). *The construction of the self: Developmental and sociocultural foundations* (2ª ed.). Guilford Press.
- Higgins, E. T. (1987). Self-discrepancy: A theory relating self and affect. *Psychological Review*, 94(3), 319–340. <https://doi.org/10.1037/0033-295X.94.3.319>
- Kroger, J., Martinussen, M., & Marcia, J. E. (2010). Identity status change during adolescence and young adulthood. *Journal of Adolescence*, 33(5), 683–698.
<https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2009.11.002>
- La Guardia, J. G., & Ryan, R. M. (2007). Why identities fluctuate. *Psychological Inquiry*, 18(2), 90–95. <https://doi.org/10.1080/10478400701350821>
- Leary, M. R., & Baumeister, R. F. (2000). The nature and function of self-esteem. *Advances in Experimental Social Psychology*, 32, 1–62.
[https://doi.org/10.1016/S0065-2601\(00\)80003-9](https://doi.org/10.1016/S0065-2601(00)80003-9)
- Luyckx, K., Goossens, L., & Soenens, B. (2006). A developmental contextual perspective on identity construction in emerging adulthood. *Journal of Adolescence*, 29(3), 361–378. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2005.09.004>
- Marcia, J. E. (1980). Identity in adolescence. In J. Adelson (Ed.), *Handbook of adolescent psychology* (pp. 159–187). Wiley.
- Martínez, I., & García, J. F. (2008). Internalization of values and self-esteem among Brazilian teenagers from authoritative, indulgent, authoritarian, and neglectful

homes. *Adolescence*, 43(169), 13–29.

<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/18447078/>

McAdams, D. P., & McLean, K. C. (2013). Narrative identity. *Current Directions in Psychological Science*, 22(3), 233–238.

<https://doi.org/10.1177/0963721413475622>

Nesi, J., & Prinstein, M. J. (2015). Using social media for social comparison and feedback-seeking. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 43(8), 1427–1438.

<https://doi.org/10.1007/s10802-015-0020-0>

Odgers, C. L., & Jensen, M. R. (2020). Annual Research Review: Adolescent mental health in the digital age. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 61(3), 336–348. <https://doi.org/10.1111/jcpp.13190>

Orth, U., & Robins, R. W. (2014). The development of self-esteem. *Current Directions in Psychological Science*, 23(5), 381–387.

<https://doi.org/10.1177/0963721414547414>

Page, M. J., McKenzie, J. E., Bossuyt, P. M., et al. (2021). The PRISMA 2020 statement. *BMJ*, 372, n71. <https://doi.org/10.1136/bmj.n71>

Pasupathi, M., Mansour, E., & Brubaker, J. R. (2007). Developing a life story: Constructing relations between self and experience in autobiographical narratives. *Human Development*, 50(2–3), 85–110.

<https://doi.org/10.1159/000100939>

Skorikov, V. B., & Vondracek, F. W. (2011). Occupational identity. In S. J. Schwartz, K. Luyckx, & V. L. Vignoles (Eds.), *Handbook of identity theory and research* (pp. 693–714). Springer. https://doi.org/10.1007/978-1-4419-7988-9_29

Steinberg, L. (2001). We know some things: Parent–adolescent relationships. *Journal of Research on Adolescence*, 11(1), 1–19. <https://doi.org/10.1111/1532-7795.00001>

© Los autores. Este artículo se publica en GlobalNet bajo la Licencia Creative Commons Atribución 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esto permite el uso, distribución y reproducción en cualquier medio, incluidos fines comerciales, siempre que se otorgue la atribución adecuada a los autores y a la fuente original.

